

# Teixeira de Pascoaes

1877 -

A alma é vário espelho imaterial  
Que tudo quanto existe reproduz,  
D'um modo original  
Em que as formas se vestem d' outra luz;  
Assim uma donzela enamorado  
Que sobre um lago manso se inclinasse,  
Em vez da sua imagem retratada  
A imagem d'uma flor nas águas contemplasse

Em vez, pobre mendigo,  
A vagarear sem medo  
Por esta noite escura,  
A luz d'uma chimera:  
Junto de mim eu sinto  
As almas do arvoredo  
Que balam com ansio  
A quem já nada espera...  
E sempre que estou triste,  
Aos meus ~~ex~~ envidos vem  
Consoadora voz  
De mística saudade.  
Olho em volta de mim,  
Mas não deinho alguém...  
De que alma visais tu,  
Piedosa claridade?...  
D onde vem essa voz  
Enternecida e bela  
Que ampara o desgraçado  
E os tristes aliviar?  
Vem dos montes, do mar,  
Das nuvens, d'uma estrela?  
Um do seio de Deus  
Se exulta em essa Harmonia?

O' infancia do inferno! Outono moribundo,  
Quando nos cantos deixa a seiva de cozer;  
Sentimento que vem do coração do mundo  
E faz, no mez d' abril, as árvores florescer.

Agora, amo-te mais, minha saudosa aldeia,  
Na agonia ~~deitada~~ deixada triste do arvoredo,  
Quando, á tarde, aparece enorme a luna cheia  
E em toda a Natureza ha um intimo segredo ...

E vê-se a rosa doida e histérica histérica dos ventos  
Desabrochar no Azul, a terra perfumando,  
Emquanto as d' este mundo, em pallidos lamentos,  
Mais ~~lentas~~ loncas do que Ophelia a morte as vai cercando ...

Vós sois o meu amor, o tardes ~~ante~~ nuaes,  
Onde repousa o abril despeito em brio p' ...  
Murmúrios do arvoredo, orações dos pinhaes,  
Como em vos ouço bem quando me encontro so!

Ainda se pode em mim vosso cantar lúcolico;  
CO' d'ôr de recordar Alguem que não existe!  
Como o fructo som d' um sino melancólico  
Que triste vai mover n' um vale muito triste ...

O' flores que partis das almas desmaiadas!  
O' fumaça do mar, em nevoa convertida!  
Secas folhas rolando ... O' lagrimas deixadas ...  
Cinza a cair no sol que fica amarelado! ...

Assim é que eu t' adoro, o tema dolorosa,  
Quando o vento nos reza em negro cantolhão;  
E amo vento onde geme a voz misteriosa  
Que ouço, ás vezes, girar dentro do coração!

Tardes d'outubro feitas dos meus ais,  
Só vós as mostos podereis amar!  
Só só vós as suas campas enfeitadas,  
Ventos d'outubro que ides a chorar!

Tardes d'outubro! O' eamos vizinhos,  
Com solitários mióchos a cantar!  
Dão as Trindades. Fecham-se os casacos,  
Que tristeza, mar Deus! Nasce o mar...

Não sei que simpatia dolorosa  
Que indelivido amar, como é triste,  
Me perde, ca por dentro, a cada coisa...

N'esta profunda e ri ra intimidade  
Que entre men sã e minha terra existe,  
Lrei cantando o canto da saudade...

Cousas fraternas! Solitárias cousas!  
Monumentos esfingicos de Dôr,  
Atravez minhas lagrimas saudosas,  
Lembraes o vulto mosto do Senhor...

Cousas fraternas! Solitárias cousas!  
Sou vosso obreiro e humano redentor:  
N'indens, rochedos, fontes murmuroras,  
Em son, na vossa noite, a luz do amar.

Em mim, o mar é sonho que alvorece,  
Em mim a brã terra é sentimento  
E nos meus versos chora a ~~voz~~<sup>voz</sup> do vento.

Vós sois os labios, mas em son a prece,  
Só quieta, branda sombra adormecida;  
Sou luz febril, relampago de vida!

~~Poema~~  
Solitário pinheiro desolado,  
O que é que sentes? Dize, que saudade?  
Já que és da primavera abandonada,  
Eterna deve ser nossa amizade!

O' moiribundo! O' êrmo! O' fulminado  
Pelo raio! A negra tempestade  
Cingiu-te n'um abraço desceido  
De fogo e fumo e rubra claridade!

És um morto de pé, sobe um calvaria,  
Onde as aves da noite e do terra  
Erguem seu negro canto solitário,

Em ti, o louco vento anda a gemer...  
Em ti, se pinta a magna do sol-pôr  
E tua sombra é a imagem do meu ser...

Para que foi, Senhor, que ao mundo vim?  
Se eu hei-de, n'esta vida, amar somente  
O mais sequinha flor do meu jardim  
E o beirado das sombras no ponente...

Em anno a noite trágica, sem fim.  
As rochas que eu adoro intimamente.  
O' meus, vós sois tudo para mim,  
Simples meus que sois p'ra toda a gente!

Tambem te adoro, ó sombra da O magna,  
E tu, mulher, ainda me não viste  
O mim, — misterio que por ti me amosa...

Adivinho-te em tudo quanto existe;  
És a saudade, o amor, a desventura,  
És tudo o que me não fazende triste...